conexão
univale
A universidade mais perto de você!
Conecte-se com a UNIVALE!
univale.br
(33) 3279-5500
@univalegv

# Docentes e estudantes da UNIVALE participam do 15º Colóquio Internacional de Direito e Literatura

***Por Thiago Ferreira Coelho***

Organizado pela Rede Brasileira de Direito e Literatura, o 15º Colóquio Internacional de Direito e Literatura (Cidil) foi realizado em João Pessoa (PB), entre os dias 28 e 31 de outubro. Estudantes e docentes da UNIVALE participaram dessa edição, a primeira realizada no Nordeste e que teve o tema "Quem escreve? Direito, Literatura e Inteligência Artificial", propondo um espaço de reflexão interdisciplinar sobre autoria, linguagem, narrativa, interpretação e decisão diante das transformações contemporâneas relacionadas às tecnologias digitais e à inteligência artificial, sem deixar de contemplar a diversidade temática que historicamente caracteriza o campo do Direito e Literatura.

Representando a UNIVALE no 15º Cidil estavam o aluno do 10º período do curso de Direito, Samuel Gusmão; a aluna do mestrado em Gestão Integrada do Território (GIT), Juliana Marinho; a professora do curso de Direito e egressa do GIT, Letícia Vasconcellos; e o coordenador do mestrado profissional em Gestão de Conflitos, Direitos e Humanidades (Gecon), além de docente também na graduação em Direito e no GIT, Bernardo Nogueira, que é membro honorário da Rede Brasileira de Direito e Literatura.

"É o maior colóquio em Direito e Literatura do mundo. Eu participo da Rede de Direito e Literatura, como membro honorário, há 14 anos. Foi a primeira vez que o Cidil aconteceu no Nordeste e eu pude participar de várias palestras, além de presidir duas mesas no grupo de trabalho de Direitos e Humanidades", afirmou Bernardo. O professor ressalta que a participação no Cidil aprofunda as relações do Gecon e da UNIVALE com profissionais ligados ao Direito e à Literatura.

"Nossa participação no Cidil também foi importante para levar ao conhecimento da Rede o novo mestrado da UNIVALE, o Gecon. Essa oportunidade fortalece nossa construção de conhecimento, aprofunda relações interinstitucionais e faz com que não só o Gecon, mas toda a UNIVALE esteja mais presente nos principais eventos científicos do nosso país. O evento tem professores da Itália, da Espanha, de Portugal, da Argentina e do Uruguai, é definitivamente o melhor lugar para quem pesquisa estar presente", destacou o coordenador do mestrado profissional da UNIVALE.



Coordenador do mestrado profissional avalia que participação no Cidil aprofunda relações da UNIVALE com profissionais ligados ao Direito e à Literatura

## Olhar de Mestre



**Bernardo Gomes Barbosa Nogueira**

Doutor em Teoria do Direito pela PUC/MG. Coordenador e professor do mestrado em Gestão de Conflitos, Direitos e Humanidades da UNIVALE. Professor do mestrado em Gestão Integrada do Território e do curso de Direito da UNIVALE.

Instagram: @bernardogbn

Conheça os Programas de Mestrado: univale.br/mestrado

# Gestão de conflitos enquanto forja de si mesmo

Uma vez mais dialogo com Luiz Rufino em sua obra *Terreirizar — pensar com Orixás e outras encanterias*, desta vez sobre os saberes que Ogum tem a nos ofertar. A sabedoria dos Orixás habita em formas diversas, desde a miudeza da inteligência cotidiana até a imensidão de tons, sons e cheiros que nos emprestam a natureza.

Ogum tem a sabedoria de nos dizer que qualquer tentativa de criação de direções e eternas não poderia ser bem sucedida, pois, como escreve Rufino, *diferenças, oposições, contradições, ambivalências e diversidades de sentir e ser são princípios dinâmicos que compreendem a existência como dinâmica. Sem as diferenças e o caos, próprio do equilíbrio dinâmico, não haverá caminho para aqueles que fazem sua jornada no tempo.* Pois bem, e neste rumo é que gostaríamos de seguir...

E o verbo é intencional, pois Ogum é o Orixá que vai à frente, desbravando, e por vezes cortando; o corte executado por Ogum significa ao mesmo tempo deixar para trás velhas direções, como também a necessária poda que oferta a vida que vem. Do corte, do contato que se opera, brota a hipótese da invenção; podemos intuir, nestes termos, que as diversidades e também as *ad*versidades, são espécies de cortes em nosso ego, em nossa ânsia por dominação do outro. Quer dizer, a inclinação por decisões perenes, imutáveis, quase sempre desembocam em uma armadilha de dominação — a fluidez do corte de Ogum estaria, portanto, na retidão do feito, unido à sabedoria de que o outro nunca pode ser capturado, ou seja, haverá invento mesmo nos atos mais precisos e preciosos.

Ainda sob os ensinos de Ogum, Rufino narra uma história antiga na qual o Orixá, temendo pelear com um exército muito mais forte que ele, consultou o oráculo de Ifá, que o aconselhou a escutar seus sonhos. Ogum caminhou muito e avistou uma imensa pedra e por ali se deixou ficar, certo de que aquela pedra já havia constado em suas visões; pela noite, ao acender uma fogueira, recebeu o ensinamento de que ao esquentar o ferro amolecia, e assim se tornou o principal sabedor a respeito das forjas.

A despeito da história, importa dizer que, como Ogum, a forja é uma habilidade fundamental para a gestão de conflitos, dado que, como o Orixá que se prepara para diferentes batalhas, os conflitos, como são diversos e irrepetíveis, nos solicitam ações, palavras, silêncios e atuações, que não se acomodam em uma única lavra. Ou seja, assim como cada humano é singular, também o serão os conflitos que os acomete e, do mesmo modo, será requerido um desenho, uma forja especial e única.

Ogum é assim o responsável pela criação, pelo tato que amolda o mundo; pela transformação, por alterar o estado dos objetos em busca da batida perfeita; tal qual procedemos quando um conflito se apresenta e acaba por requerer uma saída que ainda não existia: nos salvaguardamos ao ensino de Ogum que, levando o sonho a sério, cria a forja, metodologia que torna conflito em solução: feito aço derretido transformado em arma.

O orixá ainda faz parte de um outro caso interessante, pois, sendo o que carrega o mundo para adiante, quis um dia colocá-lo em suas costas. Entretanto, a exibição de força é também a maior fraqueza, dado que, ao carregar o mundo nas costas, ele simplesmente quedou paralisado. Ao fim, gerir conflitos não é buscar uma saída a qualquer custo, mas talvez aceitar os pesos e contradições, de forma que não seja tão leve, a ponto de nos desprendermos do chão, nem tão pesado, para não nos tornarmos prisioneiros de nós mesmos.

Salve, Ogum!